

SOB O SIGNO DO MISTÉRIO

A propósito dos livros «Aparição» e «Estrela Polar» de Vergílio Ferreira

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

«O único mistério é haver quem pense no mistério.»

Alberto Caeiro

«Fome de vida? Fome de morte, frequência da morte, como de qualquer cinema.»

João Cabral de Melo Neto

EM 1960 tivemos a ocasião de assistir, em Londres, a um curso sobre o romance francês havendo dele retirado algumas valiosas sugestões. Agora, ao acabar de ler *Estrela Polar* de Vergílio Ferreira, leitura que se tornou o pretexto para a redacção desta introdução a uma eventual crítica futura sobre a obra romanesca do autor de *Mudança*, lembrei-me, irresistivelmente, do que ouvi e registei numa palestra de John Weightman, a propósito dos romances de Sartre. O ensaísta inglês pôs, logo de início, a seguinte questão: «Seria conveniente que um romancista exhibisse explicitamente uma filosofia?» Depois, como alternativa, perguntou se um filósofo deveria escrever romances. Tentando dar as respostas, Weightman afirmou a seguir que, à primeira vista, as actividades do romancista e do filósofo pareciam radicalmente distintas, uma vez que este último tem como objectivo interpretar a vida por meio de ideias — as quais são independentes dos indivíduos, embora, como é evidente, sejam produzidas pelas mentes dos homens — enquanto o romancista apresenta o comportamento humano em *tranches de vie*. Claro que poderia chegar, aqui e além, a conclusões de carácter intelectual, mas o seu talento incidiria sobre o manejo das personagens e do enredo de tal modo que o leitor aderisse voluntariamente à história sem ser logo coagido a reduzi-la a um esquema intelectual. Acrescentou ainda que a singularidade e a exactidão dos detalhes do romance estariam em oposição com qualquer propósito de fabrico de situações a pretexto das quais o autor disqueteasse filosoficamente, servindo-se das personagens como títeres seus. Segundo Sartre não haveria linha de separação entre as duas formas de actividade, pois o romance perfeito seria também um perfeito documento de filosofia existencialista.

Como é sabido de todos, Sartre foi criticado em vários países por escrever obras de ficção para *ilustrar* as suas ideias filosóficas. Entre outras, Weightman pretendia esclarecer esta questão bastante importante: «A ficção de Sartre será uma simples tradução da sua filosofia?» Como resposta, opinou que o autor de *La Nausée* era mais filósofo que romancista, tendo escrito este livro com o objectivo de lhe servir de instrumento de explicação, *a si mesmo*, da sua filosofia. Na verdade, só depois de escrever *La Nausée* e *L'Être et le Néant* é que ficará na posse do seu sistema de ideias.

As obras posteriores considerou-as Weightman como um relativo falhanço, pelo facto de constituírem uma apreensão da realidade, correspondendo, de-

masiado explicitamente, a formulações ontológicas prévias.

Ora a leitura de *Estrela Polar* fez-nos recordar as considerações de Weightman, por dois motivos:

1.º — por se tratar de uma obra existencialista com uma problemática umbilicalmente ligada à do Sartre da primeira fase;

2.º — porque enquanto poderemos admitir, como Weightman, que as ideias filosóficas do autor de *Le Mur* resultariam da compreensão da realidade a que chegou por via dos romances que escreveu (já se viu que não todos, pois as próprias novelas de *Le Mur* são, em larga medida, exemplificações) no autor de *Aparição* passar-se-ia a tal reproável inversa (que parece não ser reproável do ponto de vista dos cultores do actualmente chamado *romance-ensaio*): os livros de Vergílio Ferreira, de que hoje nos ocupamos, seriam uma forma de *ilustrar* as ideias filosóficas do autor, ou melhor — exprimindo com mais exactidão o meu juízo — *Estrela Polar* pouco mais seria que um romance experimental para ilustrar teses elaboradas previamente, ficando, deste modo, as personagens transformadas em títeres.

Esclareço o público não iniciado: só com o existencialista Vergílio Ferreira se passará isto? Com certeza que não. Os existencialistas preferiram sempre o romance, o teatro ou a poesia como meio de expressão. A expressão indirecta da filosofia foi elevada à categoria

do método por Sören Kierkegaard. É Chestov quem conta que o filósofo dinamarquês se enchia de furor à ideia de que, depois da sua morte, «professores» poderiam expor a sua filosofia como um sistema acabado de ideias repartidas em secções, capítulos e parágrafos. O nosso saudoso mestre da Universidade de Coimbra, o Prof. Joaquim de Carvalho, ensinava-nos, na cadeira de História da Filosofia em Portugal, que nos preparássemos para ir *buscar* a filosofia para além dos tratados ou dos livros dos filósofos sistemáticos.

Ora é sabido que *Le Sang des Autres*, de Simone de Beauvoir, é um dos exemplos em que se pode observar uma filosofia existencialista «expressamente formulada, a propósito dos incidentes da vida quotidiana» (Paul Folquié). Com a seguinte vantagem que Simone de Beauvoir apresenta em relação ao Vergílio Ferreira da *Estrela Polar*: é que, nela, a congeminção não se sobrepõe à acção. O romance da colega de Sartre *significa* mais do que expõe o significado. Segue neste aspecto o conselho subjacente ao conceito de Merleau-Ponty segundo o qual uma história contada «pode significar o mundo com tanta profundidade como um tratado de filosofia», e com isto existencialistas e não-existencialistas encontrar-se-ão de acordo.

Segundo a minha maneira de ver, Vergílio Ferreira ultrapassa os seus

→

❧ Foi posto à venda o undécimo volume da colecção *Livros Pelicano*, que se intitula *A Evolução da Vida* e foi escrito por F. H. T. Rhodes ¶ Esta obra oferece quer a leigos quer a estudiosos a fascinante narrativa da história dos 2500 milhões de anos que antecederam a História

editora

ULISSEIA



Janeiro

ano 1963

mestres na glosa filosófica, levando muito mais longe (pelo desequilíbrio entre a especulação e a acção) o investigar ontológico a propósito de um entrecho que, nele, é montado com um artificialismo excessivamente transparente. Como dissemos ou demos já a entender, esta observação reporta-se muito mais a *Estrela Polar* que a *Aparição*, livro que oferece, no aspecto citado, um quase equilíbrio.

Mas vejamos mais de perto algumas facetas destes livros.

A problemática deles é expressa, fundamentalmente, pela boca dos principais protagonistas. Algumas das outras personagens — que acabarão por falar no estilo das figuras-mestras — revelar-se-ão como pretextos para as réplicas das vedetas masculinas, quando não são apenas ecos delas. Em *Aparição* é o Dr. Alberto Soares, professor do Liceu de Évora, quem disserta. Em *Estrela Polar* é Adalberto Nogueira, proprietário de uma livraria numa cidade a que Vergílio Ferreira dá o nome de Penalva (que muito bem pode ser a Covilhã, como Bouville, de *La Nausée*, é Le Havre, da experiência de Sartre). Alberto Soares, filho de um proprietário da Beira, vive desde jovem em estado de contemplação. O seu parentesco com Lélito, de *A Velha Casa*, de José Régio, é assaz claro. Não chega Alberto Soares a referir-se ao lar paterno como à sua «velha casa» que, afinal, para ele, como para Lélito, representa o papel de «refúgio» perante um mundo hostil, aliás, o mesmo papel que para António Nobre representava a Torre de Leite, «hameau» do poeta do *Só*, conforme lhe chamou recentemente Augusto da Costa Dias? Alberto Soares forma-se em Letras, torna-se poeta puro e perfilha uma visão da arte poética subjacente à expressão já consagrada de «mistério da poesia», uma arte de «comunhão com a evidência», «reincarnação na verdade de origens», para chegar à qual necessitará de um «estado de graça». Estas expressões são, aliás, retiradas da cerebração de Alberto Soares. A personagem central de *Aparição* procurará, na verdade, descobrir «a face última das coisas», «a voz inicial» delas. Anotamos que esta expressão aparece em ambos os romances de que hoje nos ocupamos e, talvez não ocasionalmente, é o título de um livro recente de António Ramos Rosa, onde a inquirição metafísica do essencial husserliano se torna preocupação obsidiante, dando margem a uma poesia de tendência solipsista (Não fazemos esta aproximação pelo facto de, ainda mais recentemente, Vergílio Ferreira ter escrito um posfácio ao livro de poemas *Sobre o Rosto da Terra* do mesmo poeta). As incursões pelo domínio da poesia pura parecem acarrear uma *má consciência* ao poeta Alberto Soares, professor do liceu de Évora, uma *má consciência* que dir-se-ia provir de um poeta que se tivesse anteriormente preocupado com a questão social, pois Alberto Soares (um alter ego de Vergílio Ferreira?) justifica-se em excesso. Ao confessar-se desapegado do «mundo dos outros», recusa-se a considerar a sua posição como anti ou não-humanista, declarando, como desculpa da sua egolatria: «o humanismo não quer apenas um bocado de pão». Como já o tem, pretende, agora, «uma consciência e uma plenitude». Quando professor do liceu atenta que lhe é

impossível acordar os alunos para uma realidade sociológica, mas consola-se facilmente com a ideia de lhes poder falar no «mistério obscuro da vida». Aliás, está convencido de que conquistados os problemas do bem-estar, «forçada toda a azáfama ao silêncio», «as flores da solidão, de asfixia, brotarão com virulência clandestina da miséria do homem: a vida estará então toda por conquistar desde o limiar das origens». Esta concepção da miséria fundamental do homem, talvez o leve a supor que, miséria por miséria, tanto faz ter a do corpo como a do espírito, porque a esta fatalmente ninguém escapará. Assim, dirige-se interiormente aos camponeses que trabalham de sol a sol no Alentejo: «Mas não vos traio, amigos, se outra aflição à espera se me levanta após a fome saciada»; e noutro passo: «...porque a vossa voz só agora vem do estômago, do vosso corpo condenado, da miséria do vosso sangue de veneno. Mas que o vosso corpo se cumpra e a vossa fome se cumpra. Não virá então o sono, mas outra insónia e outra, a pálida vigília de quem espera ainda». E: «A fome da nossa satisfação não se esgota num estômago tranquilo». Este tipo de argumentação tão típico da burguesia saciada corresponde a supor que tanto faz a alienação na angústia metafísica como a alienação na escravatura da terra.

Como poeta, Alberto Soares pugnará, no seguimento deste estado de espírito, pela legitimidade das incursões pelo *sonho*, pelo *alarme* e pelo *mistério*, afirmando com veemência que «a presença de nós próprios, a interrogação, o mundo submerso da nossa intimidade, tudo isto são coisas da vida real, da matéria de que são feitas as pedras e os cardos». E pergunta: «Por que recusar a evidência deste Mundo?» Refere-se ainda à seguinte tarefa ingente a que seria necessário lançar ombros: «reabsorver em humanidade natural, em equilíbrio, todo esse mundo suspeito, se for considerado suspeito». Achamos que não será

excessivo estabelecer um paralelo estreito entre esta passagem e aquela em que José Régio no prefácio (ou posfácio) dos *Poemas de Deus e do Diabo* advoga a legitimidade da sua incursão em *transmundos*. Por outro lado, Adalberto Nogueira de *Estrela Polar*, para quem «só o mistério vale a pena, só o impossível vale a pena» (*só o impossível vale a pena* é a tese fundamental de Kierkegaard no livro *Temor e Tremor*), «só o milagre fascina», exclama: «Ah! escrever um romance que se gerasse nesse ar rarefeito de nós próprios, do alarme da nossa própria pessoa na zona incrível do sobressalto». Adiante observa explicitamente (como *alter ego* de Vergílio Ferreira?) que pretende atingir «não o que se é por dentro, a psicologia, o modo íntimo do ser, mas a outra parte, a que está antes dessa, a *pessoa viva*, a *pessoa absoluta*». De facto, o autor de *Aparição* faz idênticas afirmações na nota que precede *Estrela Polar*. E dirá ainda pela boca de Adalberto Nogueira: «porque só há ainda romances de coisas, coisas vistas por fora ou coisas vistas por dentro? Um romance que se ficasse nessa *iluminação* viva de nós, nessa dimensão ofuscante do halo divino de nós...» Eis pontos de vista onde se verifica a influência do mundo antepredicativo de Husserl e a crítica ao *coisismo* feita pelo mesmo Husserl. Julgo haver aqui um vago ar polemizante com que Vergílio Ferreira pretende fazer previamente frente a quaisquer eventuais adversários do romance metafísico.

No autor de *Mudança* observa-se o propósito confessado de passar do plano psicológico para o ontológico. Não se poderá até negar a Vergílio Ferreira o primeiro lugar entre os romancistas metafísicos portugueses (e nem sequer esqueço os romances com que Teixeira de Pascoais fechou praticamente a sua carreira literária). Alberto Soares é um personagem onde se verifica essa mu-

NOVIDADES

ENCONTROS INTERNACIONAIS DE GENEVRA

O ESPÍRITO EUROPEU

Um tema do maior interesse debatido por alguns dos mais notáveis pensadores contemporâneos, como Karl Jaspers, Georg Lukács, Stephen Spender, Julien Benda, etc.

376 págs./

PIERRE MENDÈS FRANCE

A REPÚBLICA MODERNA

Uma obra de flagrante actualidade; uma análise em profundidade dos problemas políticos de um país moderno; uma inteligente exaltação do espírito democrático.

Col. Estudos e Documentos / 30\$00

ARMANDO VENTURA FERREIRA

HISTÓRIA SEM RETRATO

Uma nova colectânea de contos e novelas de um dos escritores portugueses mais auspiciosamente estreados.

Col. Os Livros das Três Abelhas / 15\$00

PEÇA-NOS O CATÁLOGO COM AS CONDIÇÕES DE VENDAS A CRÉDITO

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA ★ R. das Flores, 45 ★ LISBOA 2

dança de planos, podendo nós perguntar se, para tal efeito, não terá ele sofrido a influência dos «caixotes de Paris», atestados de livros existencialistas. Claro que podemos considerar que já um Fernando Pessoa, mesmo antes dos existencialistas franceses e alemães, revelou profunda preocupação perante o fenómeno do ser-existência. Neste aspecto, concordo com as sugestões de Mário Sacramento, no livro *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda* ou com as de António Quadros em *A Existência Literária*, o qual, aliás, põe a hipótese de Fernando Pessoa ter lido Kierkegaard, hipótese que seria interessante poder esclarecer. De resto, há uma passagem em *Aparição* («Viverás ainda na memória dos que te conheceram. Depois esses não-de morrer», etc.) que fez lembrar alguns versos da *Tabacaria* de Álvaro Campos, como poderia ter os seus pontos de analogia com o devaneio de Roquentin de *La Nausée*, perante a velha que coxeia ao longo da rua.

Vergílio Ferreira, porém, apresenta em *Aparição* a inquirição metafísica de Alberto Soares como resultante de uma preocupação espontânea da personagem, fora de influências livrescas. Quando pergunta ao pai o que é, o que pretende é conhecer-se como *existente*, não como *essente*. Recordemos que uma das perguntas-chave dos existencialistas é: *Quem sou eu?* (como em *L'Enfance d'un Chef*, novela do livro *Le Mur* de Sartre), pergunta que, de certo modo, equivale ao *Quem és tu?* que obsidia Adalberto Nogueira em relação a Aida-Alda.

Tendo em vista a época da vida em que Alberto Soares faz tal pergunta ao pai, considero-a pouco verosímil, pelo menos pouco provável, pois não teria ainda a maturidade suficiente para, mesmo espontaneamente, estabelecer, por si só, a distinção entre os diferentes planos inerentes à destriça entre o *essencial* e o *existencial*. Pura intuição? Talvez..., mas a influência livresca não poderá ser posta de lado e de ânimo fácil, pois, noutros passos, Alberto Soares faz afirmações que coincidem rigorosamente com os princípios do existencialismo. Um exemplo, apenas: quando afirma não se reconhecer *limitado por nada*, reporta-se àquele sentido em que no existencialismo o homem é considerado transcendente. *Transcendente* porque, contrariamente ao *vaso* ou ao *rochedo* que não podem sair dos seus limites sensíveis, por estarem encerrados em Si mesmos, o homem pode tornar-se em algo diferente daquilo que é, e sair, portanto, deles. Posso considerar ainda que Alberto Soares revela a preocupação típica do existencialista de não querer reconhecer qualquer essência comum ao homem, o que tem sido, no existencialismo, fonte de largas controvérsias.

Alberto Soares põe a si mesmo o problema de se descobrir, não no plano psicológico (o que corresponderia a um corriqueiro *nosce te ipsum*), mas no plano do seu *ser* real. (Levar-nos-ia muito longe estabelecer o estreito paralelo que tem esta problemática com a distinção heideggeriana entre o *Sein-ser* e o *Seiendes-ente*. Mas esse estudo poderá ficar para um eventual ensaio, mais bem fundamentado, sobre o romance-metafísico de Vergílio Ferreira). A *aparição* de Alberto Soares torna-se-lhe escopo fundamental. Como leitor

do livro não pôde deixar de me ocorrer que tal *aparição* corresponderia à problemática sartreana vinculada ao ser *en-soi* (em-si) e ao ser *pour-soi* (para-si). No Sartre do *L'Être et le Néant* não há passagem (trânsito, mediação) entre o *en-soi* e o *pour-soi*, e é precisamente esta *opacidade* que torna o conhecimento humano algo de absolutamente seu, intransmissível e subjectivo. No *em-si* há uma finitude plena que o *para-si* não apreende. Como se sabe, é Merleau-Ponty quem irá teorizar as transições, as comunicações entre o *em-si* e o *para-si*, que Sartre não aceita em *L'Être et le Néant*.

De resto, a própria palavra *Aparição*, no sentido em que me aparece empregada por Vergílio Ferreira, obrigou-me a recordar a definição de Sartre: «o real é o que aparece» (*L'Être et le Néant*). Na verdade, ao pensamento de Sartre o real *aparece* como evanescência. Esta situação conduz a uma «Teoria do Conhecimento» que é a negação do conhecimento intelectual — a comunhão entre o sujeito e o objecto. O ser do homem está no objecto, mergulha nele, situa-se no seu interior e, por isso, não o reflecte, não o apreende — então o mundo é transparente (Ponty) e pode ser imediatamente apreendido (pela duração, pela intuição, pela comunicabilidade das coisas, pela via afectiva, etc.) ou não o ser (Sartre). Nesta linguagem imprecisa, pouco idónea, lírico-dramática o ser pode também ser *translúcido* (Merleau-Ponty oscila entre as duas *esfusões*). Sartre supõe que estamos condenados, pela reflexão, a «*ver*» *sombras, aparências* (donde a curiosa revertência a Platão). É evidente que o existencialismo, em bloco, não segue este agnosticismo (meio kanteano) de Sartre nem aceita a sua teoria da *comunicação frustrada*. Ponty, por um lado, e Marcel, pelo outro, tentam salvar-se do beco sem saída sartreano, embora concedendo à *ambiguidade* (Ponty) ou

ao *mistério* (Marcel) o seu papel frenador do conhecimento claro, e à *transcendência* (como limite) uma espécie de forma de resgate (pela intervenção do TU ABSOLUTO de Marcel, que impõe o diálogo). O embaraço é evidente, cumprindo denunciar as inconseqüências destas subnoções e não embarcar passivamente nelas.

A *aparição* corresponde à descoberta do próprio ser ontológico de Alberto Soares, que nunca cessa de maravilhar-se ante a *facto* de ser. Em Vergílio Ferreira há mesmo uma captação do ser como *estar sendo*, exactamente como em Heidegger ou Kafka (para Heidegger este *estar sendo* não pode fundamentar a ontologia. Vid. *Carta sobre o Humanismo*). Ser é um mistério (para Marcel ou Kierkegaard, donde a influência destes em Vergílio Ferreira), um milagre e, quando sente que assim é, experimenta a sensação de que *é ele*, Alberto Soares, quem o habita, que *é ele que vive*. A vida será, assim, definida como um *absoluto*, perante a qual a morte é *nulidade integral*, pura *ausência*, *nada-nada*, absurda e inverosímil. Alberto Soares pregará a necessidade de «justificar a Vida perante a inverosimilhança da morte». Esta provoca-lhe a *angústia* (Kierkegaard?). A recordação da morte do pai põe-no em transe de angústia metafísica. Como também porá Ana que, colocada, de igual forma, perante o absurdo da morte de Cristina, começa logo a adoptar o vocabulário de Alberto dizendo: «*Eu* que estou comigo, que me sinto ser», etc., etc. Este *eu verdadeiro*, este aceder à existência «autêntica», é, em Vergílio Ferreira, uma *fulguração*, uma *iluminação*. É assim que deve ser entendida a frase do livreiro Adalberto Nogueira da *Estrela Polar*: «a minha iluminação entendo-a na iluminação em que me sinto, me estou vivendo, me

→

O MUNDO DO LIVRO

Raridades bibliográficas, obras de grandes autores de todos os tempos, gravuras antigas, etc.

Uma loja moderna orientada com espírito moderno para compra e venda de obras antigas

PUBLICAÇÃO REGULAR DE CATÁLOGOS

Organização de leilões de livros nas melhores condições. Cobramos a comissão de 15 a 20%.

Agradecemos a vossa visita.

O MUNDO DO LIVRO

LARGO DA TRINDADE, 11-13 — TEL. 36 99 51

LISBOA — PORTUGAL

sou». De resto, Alberto Soares e Adalberto Nogueira são personagens gémeas. Com uma diferença: enquanto o primeiro nos aparece dotado de vida, o segundo é um títere de Vergílio Ferreira, uma pura fabricação novelística, sem qualquer espécie de radicação no real (convirá esclarecer que para o existencialista a radicalidade — regresso às origens, ao primitivo, ao antepredicativo, à facticidade: facto puro, não reflectido, não interpretado — tem um significado subjectivo, ao passo que nós — os neo-realistas — entendemos por radicalidade uma inserção entre o nosso ser e o ser da Natureza, entre o sujeito que conhece e o objecto que se lhe apresenta para conhecer. Neste sentido dizemos que nos radicamos no real, não como comunhão ou contacto afectivo mas como *intervenção* sobre o próprio real: conhecer é transformar, etc.)

Sentimos Adalberto Nogueira a despejar frases de um artificialismo livre e verdadeiro insuportável. Neste aspecto, ultrapassa largamente Alberto Soares, cuja intenção primordial é despertar as pessoas com quem vive para uma existência «autêntica» e os massacra com um arrazoado que, afinal, apesar dos protestos dos amigos, acaba por se revelar contagiante. Não escondemos que uma das coisas que mais nos intrigou em *Aparição* foi vermos em Évora uma grande quantidade de gente com preocupações ontológicas. Mas as conversas daqui derivadas seguem com certa regra, embora o Autor, na minha modesta opinião, devesse ter vigiado alguns excessos de retórica filosofante susceptíveis de causar sobresalto. Nesse livro há frases que *nunca* se dizem (embora possam ter sido proferidas). Quando Sofia articula: «Há uma entrevista com a vida», julgo não haver contexto, não haver intenção filosófica que consiga mascarar o que há de *ridículo* em tal frase. E este é um exemplo entre vários.

Em *Estrela Polar*, porém, o processo é levado à exasperação. Vergílio Ferreira que declarou, na nota que antecede o romance, pretender focar a obsessão de transmitir a outrem a «pessoa» humana (não a física, nem a psíquica, mas a metafísica) e «de aceder à desse outrem», processo de se vencer a *solidão fundamental* e de se justificar o que se guarda nessa solidão, põe alguns habitantes de Penalva (?) lançados no mesmo parolar filosofante, elevado, agora, a refinados requintes de abstracção. Ora o problema a que Vergílio Ferreira se refere é, na verdade, levado à cena por Adalberto Nogueira que o arrasta penosamente ao longo do romance, tartamudeando o papel conforme pode. Mau actor se revela desde logo. Muito pior, muitíssimo menos convincente que o Alberto Soares da *Aparição*.

Vergílio Ferreira põe-nos na presença do problema existencialista das relações mútuas *Eu-Outrem*. Adalberto Nogueira colocado, também, em situação de angústia perante a morte da mãe (que «estranha coisa a morte», exclama), pretende fugir à inverosimilhança do nada, do absurdo da morte, tentando descobrir um processo de *eternização*. Vive-se ainda na memória daqueles que nos recordam depois de mortos, não é verdade? Pois bem: Alberto Soares ao folhear, na «velha casa», o álbum dos retratos de família pensa, de passagem,

«que o rasto da vida de toda aquela gente está suspenso de si». Mas Adalberto Nogueira será *inventado* por Vergílio Ferreira para explorar metódicamente esse filão, e, assim, vêmo-lo durante trinta páginas a perseguir uma mulher que ora é Aida, ora é Alda, porque é Aida-Alda, gémeas inextricáveis, na *ânsia* de ser nelas, para que a morte para ele não existisse nelas, etc., etc.

A maioria dos existencialistas têm gasto bastantes páginas no estudo do *Pour-Autrui* (Sartre, como é sabido, trata das relações de *Moi-Autrui* na peça *Huis-Clos*, por ex.), mas nada do que lemos até hoje a esse respeito se revela menos convincente, sob o ponto de vista literário, que o disreitar das personagens de *Estrela Polar*. Como atrás se disse, quase todas elas se põem, em determinadas circunstâncias, a filosofar, com vocabulário husserl-heidegger-sartre-marceliano, o que não deixa de ser um tanto engraçado quando se considera — entre outros factores — que tal coisa ocorre em Portugal e, ainda por cima, em Penalva (Covilhã). O pintor Garcia diz, por ex., mimos do seguinte jaez: «E este azul vê tu, é mais verdade do que toda a verdade, porque nunca existiu. Só é verdade o que não existe». Aida-Alda, caixeira de livraria, depois mulher de Adalberto, acaba também por adoptar a mesma linguagem e falar no estilo do marido ou por uma questão de mimetismo ou pelo facto, que aliás explica tudo, de todas as personagens deste romance serem *uma só*.

Quis Vergílio Ferreira escrever um livro ambicioso, e muito mais ambicioso que *Aparição*. Uma prova disso poderá ser a nota explicativa (já por nós referida duas vezes) que antecede *Estrela Polar*, redigida a pedido do editor. Verifica-se, todavia, que o *programa* (préviamente delineado e esque-

matizado pelo autor?) teve uma aplicação escolar deficiente em excesso. Pelo exagero de uma congeminação, tantas vezes mal «arrumada», demasiado esotérica, numa linguagem de clareza menos que rudimentar, congeminação que pelo seu predomínio torna «gaguejada» a narrativa, e pelo evidentiíssimo artificialismo das situações, por estes motivos e por outros que se poderiam ainda apontar, *Estrela Polar* é um romance francamente mau, apesar de nele se encontrarem pequenos textos onde uma elevada visão poética se vasa numa linguagem de alto nível plástico.

O tema já era *abstractizante* e o autor ainda o *atirou* mais para o *abstracto*. Linguagem de tonalidade concreta? Isso sim! Num tema vinculado ao pseudo-materialismo epifenoménico e irracionalista, conforme já alguém, com certa noção do diagnóstico, rotulou o existencialismo ateu, usa frases desprovidas de rigor, aureoladas por halos que denunciam, com frequência excessiva, um gosto duvidoso. Exemplos do que é típico: «Era uma voz quente e solene, nascida na Terra e mais antiga do que a Terra», «diáfano ar como sinal de altura e da vertigem, através dela existia-me o máximo até ao excesso...», «ela assim decerto o sentiu, porque me olhou com olhos sem fim», «e voltava os olhos para onde eu já não era», etc.

Aparição, embora com várias fragilidades derivadas quer do artificialismo de certas atitudes e frases das personagens, quer da própria mundividência existencialista que constitui a infra-estrutura do livro, possui qualidades literárias que justificam, de *certo modo*, um entusiasmo legítimo, e claro, tanto mais legítimo quanto mais próxima da do autor for a cosmovisão do leitor. Mas as qualidades reveladas em *Aparição* desapareceram, como por encanto, em *Estrela Polar*, e as falhas hi-

❧ Foi posto à venda o duodécimo volume da colecção *Livros Pelicano*, que se intitula *Relatividade para todos* e é da autoria de James A. Coleman ¶ Esta obra constitui uma clara e simplificada exposição da história, da teoria e das verificações da concepção revolucionária do Universo de Einstein

editora

ULISSEIA



Janeiro

ano 1963

pertrófiaram-se espectacularmente. Neste último romance de Vergílio Ferreira, tudo ou quase tudo nos soa a falso. E a leitura da obra acaba por se tornar extremamente penosa.

Apresentará, porém, Vergílio Ferreira variações originais em relação à existencialista franco-alemã? Se se atender a que há tantos existencialismos quantos os escritores existencialistas — já que cada um segue o seu *capricho* e executa a partitura-base ao sabor da inspiração do momento ou das circunstâncias, introduzindo-lhe as variações que o maior ou menor talento de composição *musical* lhes permite — é perfeitamente de aceitar que sim (pelo menos em princípio).

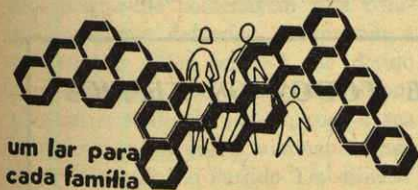
A que espécie de trabalho de Hércules levaria, contudo, fazer a decantação *rigorosa* dessas possíveis variações? A tal tarefa de «professor» que Kierkegaard encarava com grande repulsa?

Para já, tal objectivo transcende os nossos propósitos e um romance de baixa qualidade como *Estrela Polar* não entusiasma o ensaísta a meter-se em tão trabalhosa investigação filosófica.

Em relação às perguntas do ensaísta inglês Weightman o que diríamos, como resumo final, de *Estrela Polar*? Diríamos, e aqui o dizemos e repetimos, que se trata de um livro que constitui glosa, mais ou menos deliberada, de temas metafísicos, uma forma de *ilustração* de temas filosóficos, em que a *filosofia* aparece retoricamente *explicitada*. A história não passa de uma *construção formal extremamente visível*. Ora a má qualidade da glosa e do formalismo da construção é que precisamente comprometeram todo o inglório esforço do laureado romancista que é Vergílio Ferreira. Esta crítica, que não é de mau amigo, pretende prestar-lhe um serviço, salvando, ao mesmo tempo, um escritor dotado de inegável talento de um desastre talvez iminente e que está perfeitamente ao seu alcance evitar.

Dezembro de 1962

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES



um lar para cada família

É inquilino?

Inscreeva-se como sócio da
**Associação dos Inquilinos
Lisbonenses**
(Sociedade Cooperativa)

E verá zelados os seus legítimos
interesses

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 12

Telefone 73 60 70

QUOTA MENSAL 5\$00

O último legado de Hugh Gaitskell

MICHAEL FOOT



Por ocasião de muitas das mais violentas batalhas travadas por Hugh Gaitskell (com as duas notáveis excepções do caso Suez e do Mercado Comum), este foi fortemente criticado por **Tribune**. Seria ao mesmo tempo ofensivo e fútil tentar agora mascarar a verdade com suaves lugares comuns. Independentemente de outras razões, Gaitskell foi um fenómeno demasiado importante na história do movimento trabalhista britânico. A minha apreciação da sua estatura política e das suas iniciativas deve, por isso, diferir grandemente do veredicto que sobre ele foi pronunciado, em todo o Ocidente. São, no entanto, necessários alguns comentários preliminares, por motivos que ultrapassam a comum decência.

A morte de Hugh Gaitskell rodeou-se de todas as circunstâncias trágicas possíveis. Gaitskell obtivera, pelo menos presentemente, algumas vitórias decisivas dentro do próprio partido, detendo nas mãos a sua chefia, segundo os seus pontos de vista. Tornava-se cada vez mais certa, de semana para semana, a probabilidade de ele vir a ser o próximo Primeiro-Ministro da Inglaterra. Foi uma dolorosa infelicidade individual, que dificilmente encontra paralelo na História política britânica, o facto de Gaitskell ter sido privado de tantas coisas que alcançara de forma tão trabalhosa. Tanto no campo político, como no pessoal, deve ser incomensurável a simpatia devotada aos seus familiares e amigos. Conseguindo o que conseguiu, revelara Gaitskell uma rica combinação de qualidades insuspeitadas por muitos dos seus principais adversários. Conquistou o respeito, a devoção e a lealdade daqueles que mais intimamente o conheceram. Como disse Anthony Crossland, na mais compreensiva homenagem que lhe foi prestada, Gaitskell tinha «uma coragem de cão». Seria estulto quem duvidasse de que a força de carácter e de inteligência eram as molas reais da sua reputação crescente. Contudo, os chefes políticos — em particular os chefes de movimentos socialistas que aspiram a transformar o Mundo — devem ser julgados em função de um teste mais severo. Esse teste final deve ser o seguinte: nas suas palavras, atitudes e acções, quanta compreensão revelaram possuir da época em que vivem?

A simples e suprema qualidade da imaginação política — simpatia imaginativa associada com a sabedoria e a capacidade — era, precisamente, a qualidade que, segundo creio, mais faltava a Hugh Gaitskell. Foi esta a razão profunda por que se encontrou muitas vezes em tão aberta hostilidade relativamente às aspirações de numerosos homens que esperava conduzir. A sua concepção de Socialismo e a deles, a sua visão do Mundo e a deles entrechocavam-se com fragor. E, todavia, por estranho que pareça, é esse mesmo soberano atributo de um chefe político que lhe é reconhecido por muitos comentadores ortodoxos. Proclama-se aos quatro ventos que Gaitskell tentou «pôr em dia o seu partido». Foi ele o maior modernizador. Lutou por tornar realista e relevante o Socialismo. A situação política existente na altura da sua morte mostrou quão brilhante-

mente obtivera êxito no seu estupendo e solitário empreendimento.

E, dizem-nos ainda, é por esta razão — à qual se adiciona a fibra do seu carácter — que Gaitskell teria dado um grande Primeiro-Ministro. Teria completado a reeducação do seu partido na escola do poder. Teria continuado a abrir os olhos daqueles que desejavam mantê-los resolutamente fechados.

A minha opinião é a de que a afir-



Redactor de *Tribune*, semanário trabalhista independente que é a voz da ala esquerda do *Labour Party*, o autor deste artigo opôs-se violentamente, por mais de uma vez, ao pontos de vista defendidos por Gaitskell. Esta circunstância dá ainda maior relevo ao testemunho agora publicado sobre a personalidade e a carreira política do homem que a morte impediu de vir a ser o próximo Primeiro Ministro de Inglaterra. (N. da R.)